



Título: RELATOS DE VIAGEM: ONDE VIAJAR É O CAMINHO E RELATAR É A LEMBRANÇA

Autoras: Berenice Ferreira da Silva e Natassia D' Agostin Alano

Orientadora: Isabel Monguilhott

Escola: Colégio de Aplicação da UFSC

Professor da turma: Rafaella Machado

Ano: 1º (2014)

Contextualização do projeto: A escolha do gênero relatos de viagem foi uma sugestão da professora da turma, já que esse gênero estava previsto no seu planejamento para o período em que as estagiárias estariam exercendo a docência. As estagiárias escolheram trabalhar o gênero e sua relação com a memória, pessoal ou coletiva, perpassando relatos de viagem canônicos que retomam uma perspectiva histórica e relatos de viagem contemporâneos de modo que demonstram que esse gênero ainda circula na sociedade e está difundido em diferentes suportes. Assim, o projeto contou com a produção textual de relatos de viagem, um pequeno passeio pelo campus da UFSC e, como produção final do processo de ensino e aprendizagem, a confecção de um varal literário para socializar os relatos de viagem produzidos pela turma acerca do passeio.

Cronograma: Para se ter uma ideia do conjunto das ações desenvolvidas ao longo do projeto de docência, apresenta-se, na sequência, o cronograma de atividades.

Aulas	H/A	Conteúdo
1	2	Apresentação do projeto; introdução ao tema.
2	2	Atividades envolvendo um relato de viagem do século XVIII.
3	2	Atividades envolvendo um relato de viagem do século XX.
4	2	Atividades envolvendo um relato de viagem do século XXI.
5	2	Pequena viagem com a turma.
6	2	Produção escrita a partir do gênero relatos de viagem.
7	2	Reflexões sobre a escrita dos alunos e reescrita da produção textual.
8	2	Finalização do projeto; criação de um varal expositivo a partir das produções textuais dos alunos.

Gênero referência: Relato de viagem

Eixo organizador do ensino: escrita e reescrita de relatos de viagem; o trabalho com a leitura através dos relatos de viagem selecionados; o exercício da oralidade a partir da leitura oral e discussões sobre os materiais lidos; e o trabalho com a análise linguística a partir dos textos escritos pelos próprios estudantes.

Objetivos: Potencializar as práticas de uso da língua – em interações situadas histórica e culturalmente – nas diferentes esferas da atividade humana; horizontalizar as práticas sociais hibridizando-as com novas práticas e imergir em diferentes meios de linguagem; problematizar, refletir e atuar no já dado, como forma de tornar-se protagonista de sua vida. Refletir acerca do gênero relatos de viagem e suas implicações na sociedade atual bem como em sua própria realidade.

Com relação à leitura: Ampliar o repertório literário, aprofundar os conhecimentos sobre o gênero relato de viagem, desenvolver a capacidade interpretativa, a autonomia na compreensão dos textos a serem lidos e o olhar crítico acerca do que se lê.

No que se refere ao ensino da escrita: Aprimorar a escrita e, a partir dela, perceber as possibilidades da linguagem dentro da proposta trabalhada, levando em conta sua memória e desenvolver um olhar sensível em relação à experiência de viajar.

Quanto à análise linguística: Reconhecer que as próprias produções têm um significado e que elas se constituem em ponto de partida para buscar soluções para inadequações recorrentes, tendo em vista o aprimoramento das capacidades de escrita.

No que tange à oralidade: Reconhecer a sala de aula como ambiente favorável à comunicação, à socialização e ao respeito nas discussões, participando ativamente das atividades que envolvem o uso oral da língua e ainda desenvolver a capacidade de declamação.

Metodologia: Na sequência, apresenta-se aula a aula como pode ser desenvolvido este projeto. Nas notas, destaca-se o que foi específico da experiência vivenciada.

Aula 1 (2h/a)

Iniciar a aula formando um semicírculo com as carteiras e colocando no centro a “caixa preta” contendo objetos procedentes de viagens realizadas. Explicar o projeto, seus objetivos, metodologia e avaliação.

Apresentar a música A Vida do Viajante¹ por meio de um vídeo retirado da internet a fim de promover a prática de escuta, já que o vídeo selecionado exibe apenas o áudio da música acompanhado de uma imagem estática.

Lançar a discussão da viagem sob uma perspectiva indutiva, começando pela apresentação dos objetos contidos na “caixa preta” que retomam memórias particulares, instigando uma reflexão do tipo *brainstorm*. A proposta consiste em pedir que um aluno, por vez, vá até a “caixa preta” e retire um objeto. Perguntar suas impressões sobre aquela peça e, em seguida, descrever a memória relacionada a ele. O intuito dessa dinâmica é levar os alunos a possíveis construções de que tais objetos representam diferentes memórias de viagem.

Retirar a “caixa preta” e dispor o cartaz intitulado “Em quê confio minhas lembranças”, convidar os alunos a, individualmente, escrever no cartaz uma palavra que represente o modo como eles costumam recordar suas viagens. Escrever no cartaz incluindo a

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2G2mDtOWOrk>. Acesso em 13/01/2022.

palavra “escrita”, colocando-a como um dos suportes de memória utilizados e que será explorado durante o projeto.

Discutir sobre as palavras escritas pelos alunos, com destaque para os diferentes apoios de memória (foto, vídeo, souvenirs, escrita, desenhos, etc.), destacando elementos como a tecnologia que, atualmente, permite que tenhamos diversos suportes de memória.

Introduzir formalmente a temática do projeto, no intuito de suscitar a discussão sobre as diferentes formas de apoio de memória e, principalmente, os relatos de viagem, isto é, a escrita como apoio de memória para o viajante.

Convidar os alunos a escreverem, individualmente, um relato de uma viagem realizada por eles em algum momento de suas vidas. Direcionar essa atividade através do seguinte enunciado a ser exposto na lousa: Escreva um relato sobre uma viagem marcante que você realizou. Descreva os motivos que a tornaram marcante.

Aula 2 (2h/a)

Iniciar a aula retomando o tema discutido na aula anterior, a saber, aspectos relacionados aos diferentes apoios de memória, entre os quais, a escrita. Após isso, exibir o vídeo-documentário “Só dez por cento é mentira” (cena extra)². Comentar o vídeo na perspectiva de reforçar as diferentes formas de apoio de memória. No caso de Carla, a personagem do vídeo, a guarda de objetos que remetem às memórias por ela vividas.

Distribuir aos alunos o fragmento do relato de Frézier, relato de viagem à Ilha de Santa Catarina, (anexo 1)³. Comentar brevemente sobre quem foi Frézier (informações contidas no texto a ser distribuído). Ler o relato de Frézier em voz alta enquanto os alunos acompanham.

Ao final da leitura, fazer reflexões orais acerca do texto lido, a saber: o viajante está utilizando qual meio de transporte?; Quais informações apresentadas no texto demonstram que ele viaja de navio?; O nome dos lugares que o autor cita são familiares (Ilha de Santa Catarina, Lagoa, Ilha de Gal)?; E como o autor descreve as pessoas encontradas na Ilha (brancos, índios, negros e sua maneira de viver)?; Vocês prestaram atenção nas imagens?; O que o autor fala sobre isso?; Por que vocês acham que ele desenhou?

Distribuir as cópias do exercício de compreensão leitora (anexo 2) para resolução em dupla e dar tempo para a leitura e facção do exercício. Depois recolher os exercícios feitos.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HXfH5jp9WRk>. Acesso em 13/01/2022.

³ Como esse material não se encontra disponível online, os trechos utilizados pelas estagiárias foram disponibilizados no anexo 1.

Este exercício servirá de apoio ao diálogo proposto na atividade de compreensão leitora da aula 4, mas as respostas serão objetivamente socializadas em outro momento (ver aula 7).

Se possível, mostrar o livro de fotografias “Santa Catarina a ilha” e pedir que os alunos leiam silenciosamente o texto “Encantos da Ilha cativam visitantes há séculos” (anexo 3)⁴.

Comentar sobre a importância dos relatos de viagem para a História, como lido no texto “Encantos da Ilha cativam visitantes há séculos”. Ressaltar que atualmente ainda se escrevem relatos de viagem tanto para fins sociais e históricos quanto para preservar uma memória pessoal .

Aula 3 (2h/a)

Iniciar a aula comentando sobre os diferentes tipos de viagem, refletindo sobre as condições de transportes de outras épocas e as condições atuais, além dos objetivos que movem os viajantes (turismo, interação com outras culturas, autoconhecimento, etc.).

Comentar brevemente sobre os vídeos a serem exibidos a seguir, ressaltando que eles demonstram as opções dos viajantes quanto ao transporte utilizado e os registros realizados.

Exibir vídeo Ecco Adventures Series⁵.

Exibir vídeo Fisterra⁶.

Refletir sobre os relatos orais e escritos apresentados nos vídeos, destacando a relevância social do gênero (exemplo: O mundo ao alcance do ciclista Arthur Simões; O olhar do estrangeiro Juan sobre o Brasil e os brasileiros).

Apresentar brevemente a viagem de Che Guevara aos alunos (data da viagem, percurso, transporte, objetivos da viagem, etc.). Exibir trailer⁷ do filme Diários de Motocicleta, de Walter Salles, a fim de que os alunos visualizem, por assim dizer, os dados expostos anteriormente sobre a viagem de Che.

Distribuir cópias de três relatos do livro Primeiras Viagens (anexo 4)⁸ e pedir que os alunos leiam silenciosamente os relatos distribuídos. Depois, fazer reflexões orais acerca do texto lido, a saber: Qual o meio de transporte utilizado pelos viajantes?; Este transporte se altera durante o percurso?; Che relata que as pessoas o reconhecem depois da reportagem

⁴ Como esse material não se encontra disponível online, o texto utilizado pelas estagiárias foi disponibilizado no anexo 3.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Z6rqVOJ5XY>. Acesso em 14/01/2022.

⁶ Disponível em: <https://vimeo.com/72035704>. Acesso em 14/01/2022.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rXuyvmuGi5IU>. Acesso em 14/01/2022.

⁸ Como a obra não se encontra disponível online, os trechos utilizados pelas estagiárias estão disponíveis no anexo 4.

noticiada. Isso altera a maneira como elas o recebem?; O autor relata algumas situações cômicas. O que vocês acham disso?.

Distribuir um resumo sobre o gênero relatos de viagem (anexo 5). Ler e comentar com os alunos o resumo distribuído, explicando as características e funções deste gênero textual.

Pedir que os alunos apontem (oralmente) características do gênero observadas nos relatos (aspectos da linguagem; descrição de lugar; rotinas da viagem; apontamentos de dificuldades; encontro com pessoas; etc.).

Aula 4 (2h/a)

Iniciar a aula pedindo que os alunos se sentem em círculos e apresentar a viagem Abya Yala Sin Fronteras aos alunos, explicando como surgiu a ideia do projeto; de quem partiu a iniciativa; quem apoiou o projeto; quem viajou; quais condições de transporte e hospedagem; roteiro, objetivos da viagem; etc.

Exibir o vídeo sobre a viagem Abya Yala Sin Fronteras⁹ e abrir um espaço para comentários, perguntas e/ou dúvidas dos alunos sobre o vídeo.

Depois, pedir que os alunos formem sete grupos com três ou quatro integrantes, conforme o número de alunos presentes. É necessário que sejam sete grupos para a proposta a seguir ser implementada.

Distribuir relatos da viagem Abya Yala Sin Fronteras (anexo 6)¹⁰ juntamente com a questão do exercício de compreensão leitora (anexo 7) pela qual o grupo ficará posteriormente responsável por responder e socializar com a turma. Explicar para os alunos que eles devem ler os relatos atentando-se à questão proposta.

Pedir que os alunos façam, silenciosamente, a leitura dos relatos da viagem Abya Yala Sin Fronteras, observando a questão que lhes foi direcionada para, em seguida, apresentar uma resposta à turma.

Após a leitura dos relatos, promover a socialização das respostas do exercício de compreensão leitora, sendo que cada grupo deve apresentar suas conclusões. Além da socialização oral, cada grupo deve entregar sua resposta por escrito, para que em outro momento todas as respostas possam ser disponibilizadas a todos os alunos (ver aula 7).

⁹ As estagiárias não disponibilizaram o *link* do vídeo utilizado na aula.

¹⁰ Como a obra não se encontra disponível online, os trechos utilizados pelas estagiárias estão disponíveis no anexo 6.

Após a atividade, iniciar uma conversa sobre a “Pequena Viagem pelo campus da UFSC”¹¹ a se realizar na próxima aula, abordando questões concernentes ao motivo da saída de campo, ao horário da saída e aos materiais de estudo necessários em campo (caderno, caneta, máquina fotográfica, etc.).

Entregar roteiro de observação com pontos a serem observados durante o passeio (anexo 8). Ler e comentar com os alunos o roteiro de observação, no intuito de já começar a despertar neles um novo olhar sobre o campus da UFSC, que é um espaço naturalizado no cotidiano deles.

Aula 5 (2h/a)¹²

Esta aula é destinada ao passeio intitulado “Pequena Viagem pelo campus da UFSC”.

Aula 6 (2h/a)

Iniciar a aula, comentando acerca do passeio realizado na aula anterior. Indagá-los sobre suas impressões acerca da saída de campo e as diferentes situações vividas.

Relembrar as diferentes formas de apoio de memória ressaltando a importância do gênero relatos de viagem. Neste momento, promover uma retomada rápida de todos os relatos lidos com os alunos para lembrarem exemplos do gênero em questão (Frézier, Che Guevara, Abya Yala Sin Fronteras).

Solicitar aos alunos que, a partir das anotações realizadas sobre a “Pequena Viagem pelo campus UFSC”, considerando as dicas do roteiro de observação e o resumo sobre o gênero relatos de viagem, iniciem a produção escrita de um relato da pequena viagem realizada. Expor a proposta para esta produção textual na lousa: *Escreva um relato sobre a pequena viagem pelo campus da UFSC, ocorrida no nosso último encontro, considerando: os conhecimentos adquiridos nas últimas aulas quanto ao gênero relatos de viagem, os pontos destacados no roteiro de observação e o resumo sobre o gênero relatos de viagem. Bom trabalho!*

Aula 7 (2h/a)

¹¹ Como o estágio ocorreu no Colégio de Aplicação da UFSC foi possível organizar um passeio pelo campus universitário a fim de que os alunos tivessem uma espécie de viagem para servir como base de seus relatos. Essa atividade deve ser adaptada às condições e à realidade da instituição em que o projeto for implementado.

¹² Essa aula, assim como a anterior e a seguinte, deve ser adaptada à realidade e às condições da instituição em que o projeto for implementado.

Iniciar a aula devolvendo aos alunos as atividades de compreensão leitora sobre o relato de Frézier e os relatos do projeto Abya Yala Sin Fronteras juntamente com uma cópia do Quadro Comparativo (anexo 9).

Reproduzir o Quadro Comparativo na lousa para, de modo dinâmico e resumido, juntamente com os alunos, promover uma revisão das diferenças entre os relatos antigos e atuais, destacando no Quadro as informações sugeridas pelos alunos a partir das atividades de compreensão leitora feitas nas aulas anteriores. Os alunos devem acompanhar a atividade e copiar os apontamentos resumidos no Quadro Comparativo.

Devolver aos alunos os relatos produzidos na primeira aula bem como a primeira versão do relato final, ambos devidamente lidos e contendo as considerações das professoras-estagiárias. Os alunos terão alguns minutos para ler as considerações feitas pelas estagiárias. O intuito é perceberem sua ‘evolução’ quanto ao gênero textual abordado durante as últimas aulas, comparando o primeiro texto com a última produção escrita.

A partir dos resultados da primeira versão do relato final dos alunos promover uma discussão considerando dois enfoques: adequação ao gênero relatos de viagem e análise linguística. Para refletir sobre a adequação ao gênero, lembrar os alunos dos conhecimentos desenvolvidos ao longo das aulas quanto aos relatos de viagem: retomar o resumo sobre o gênero relatos de viagem entregue a eles, bem como o roteiro de observação da pequena viagem. Abordar as questões mais problemáticas considerando os resultados apresentados nos textos.

Quanto à análise linguística, verificar durante a leitura dos textos dos alunos, ao longo do projeto, quais as maiores dificuldades relacionadas à escrita concernentes à: norma padrão da língua portuguesa, pontuação, coerência e coesão e abordar as situações eleitas mais carentes de reflexão.

Solicitar aos alunos que reescrevam os seus relatos de viagem considerando os apontamentos feitos individualmente em cada texto e coletivamente na aula.

Ao final, pedir aos alunos que tragam para a próxima aula alguns materiais ilustrativos (fotos/desenhos) para incluir na versão final do relato. Devem ser materiais impressos, que permitam o trabalho de colagem.

Aula 8 (2h/a)

Iniciar a aula devolvendo as versões finais das produções escritas do gênero relatos de viagem. Solicitar que os alunos façam as alterações necessárias na versão final do seu relato de viagem (caso ainda haja relatos com muitos problemas, pedir que o aluno em questão

passe o texto a limpo) e, em seguida, sugerir que decorem os textos, cada um ao seu estilo, para posterior exposição. Os alunos poderão incluir imagens nos seus relatos bem como utilizar materiais decorativos.

Depois, pedir à turma que forme um semicírculo com as carteiras. Promover um momento de leitura de alguns relatos da pequena viagem.

Confeccionar coletivamente um varal expositivo com todos os relatos de viagem e afixar na parede externa da sala, no corredor.

Reunir os alunos e fazer o encerramento do projeto agradecendo a colaboração deles e perguntando as suas impressões.

Anexos

Anexo 1 - Fragmento do relato de Frézier

FRÉZIER, Amédée François

Relation du voyage de la mer du Sud aux côtes du Chili et du Pérou. Fait pendant les années 1772, 1773, & 1774 Dédiée à S.A.R. Monseigneur le Duc d'Orléans Régent du Royaume Par M. Frézier, Ingénieur ordinaire du Roy. Ouvrage enrichi de quantité de planches en taille douce.
A Paris Chez Je. an-Geoffroy Nyon, Quai de Conti, au coin de la rue Guenegou, au Nom de Jean Etienne Ganeau, rue Saint Jacques, aux Armes de Dombes, vis-à-vis la Fontaine de S. Severin, Jacques Quillan, Imprimeur-Juré-Libraire, rue Galande, aux Armes de l'Université. MDCCLXXVI. Avec Approbation et Privilège du Roy. (1ª edição)

Este famoso engenheiro militar francês nasceu em 1682 e morreu em 1773 com 91 anos de idade. Foi contratado para construir fortes nas possessões espanholas na América do Sul, para defesa contra ingleses e holandeses. Serviu-se desta viagem para inspecionar vários portos do continente, coletando outras informações científicas. Em sua viagem para o Pacífico, Frézier aportou em Santa Catarina (1712), onde encontrou uma população bastante chocada pelo então recente ataque de Duguay-Trouin, no Rio de Janeiro. Tão logo eles avistaram o navio francês, toda a população fugiu para o interior. Contudo, aclamado o desembarque e a situação esclarecida, Frézier foi muito bem recebido pelo Governador Manoel Manso de Avelar, a quem se refere como Emanuel Mansa. Fez um estudo para um mapa da ilha e descreveu o estudo primitivo em que viviam os 147 brancos ali. Em sua viagem de retorno do Pacífico, Frézier aportou na Bahia (1714). Desceu um plano para a cidade com um perfil panorâmico. Na Bahia ele tratou de escrever sobre o tráfico de escravos, observou o grande número de judeus na cidade, descreveu as igrejas e o "plano inclinado", discutiu sobre o intenso comércio da cidade e termina com observações nada lisonjeiras. Além de mapas e vistas da cidade, este trabalho contém uma ilustração representando um homem branco sendo transportado em uma rede, a qual Frézier chama de "serpentina". Ainda que a parte sobre o Brasil neste livro não seja muito extensa, é sem dúvida alguma de grande valor o relato de um homem do mérito científico como o de Frézier. Além dos ma-

pas contidos nas várias edições existentes da obra, enormemente apreciados pelo navegador, Frézier foi o primeiro que chamou atenção para o mundo dos depósitos de guano existentes no Chile.

A tradução do relato foi baseada na 1ª edição da obra (1716). Existe outra edição no mesmo formato: avec une réponse à la préface critique du Livre intitulé "Journal des Observations Physiques Mathématiques . . ." du R.P. Feuillée, contre la Relation . . . & une Chronologie des Vicerois du Pérou . . ." Paris, chez Nyon, . . . Diolot, . . . Quillan, . . . M.DCC.CXXXII (1732), com 298 p.

Outras edições: a 2ª edição francesa, feita em Amsterdã, Chez Pierre Humbert, MDCCXVII (1717); a edição inglesa do mesmo ano, entrescada de 37 ilustrações e um "postscript" do Dr. Edmund Halley, professor da Universidade de Oxford, descobridor do famoso cometa que leva o seu nome; a edição holandesa de 1718 Te Amsterdã, by R. en G. Wetstein; a edição alemã de 1749 Hamburg, . . . Thomas von Vierings Erben im guldenen.

ILHA DE SANTA CATARINA

RELATOS DE VIAJANTES ESTRANGEIROS NOS SÉCULOS XVIII E XIX

Em fins de 1711 partiram de Saint Malo, França, os navios "Saint Joseph" de 36 canhões, 350 toneladas de deslocamento e 135 homens de guarnição, comandado pelo Capitão Duchêne Barttas e "Marie" de 120 toneladas sob o comando do Capitão Jardais Damel. M. Frézier inicia seu relato pelas costas de Santa Catarina, à página 16:

Na terça-feira 30 março (1712), como estivéssemos perto da terra, sondamos às 6 horas da tarde e encontramos 90 braças d'água fundo de areia, vasa e concha, duas léguas e meia mais a oeste achamos menos 10 braças; passamos a noite a prumar de duas em duas horas, encontrando a mesma profundidade e qualidade de fundo. Ao deubar avistamos terra, estando 6 léguas mais a oeste da nossa segunda prumada; reconhecemos logo a Ilha de Gal pelo seu aspecto e algumas pequenas manchas que de longe pareciam navios; algumas ilhotas que lhe estão próximas, situadas a 01/4SO de 8 a 9 léguas mais ou menos; sondamos e encontramos 55 braças d'água, fundo de areia fina e lodacenta. Por fim, tomamos altura à légua e meia desta Ilha S1/4SE e cerca de 3 léguas a leste da ponta do norte da Ilha de Santa Catarina, encontrando-nos a 27 graus 22' de latitude austral. Eis como ela nos apareceu.

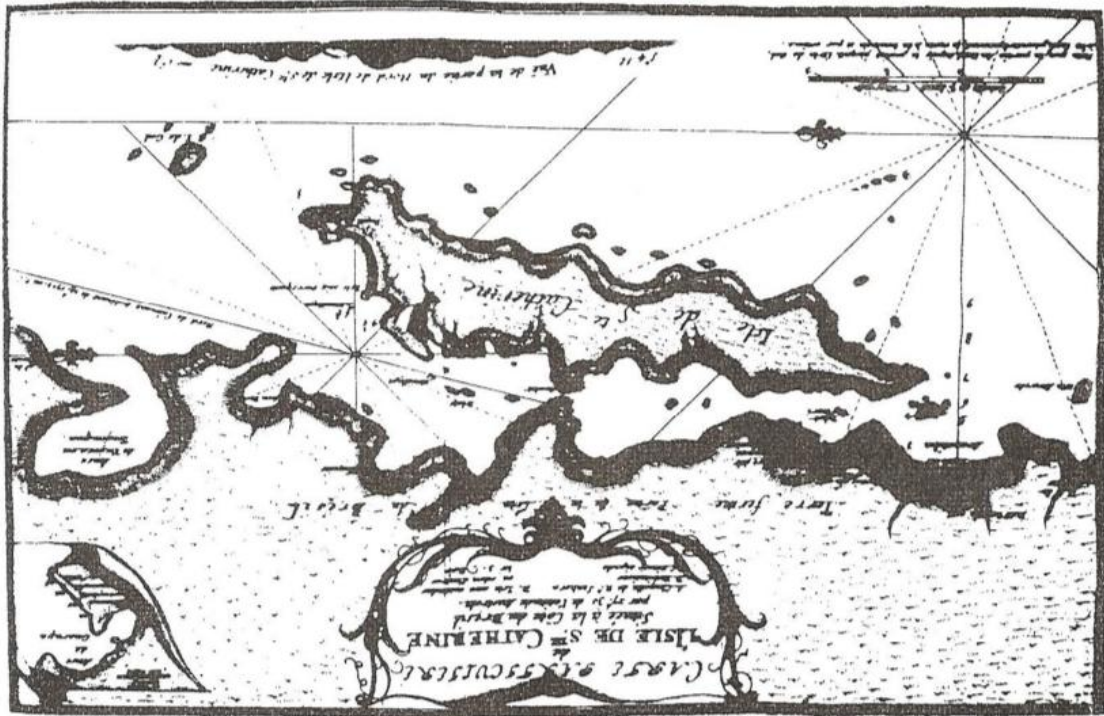
Légua e meia mais a oeste achamos 20 braças d'água, fundo de areia lodacenta mais cinzenta; continuamos a prumar de distância em distância, diminuindo o fundo de maneira uniforme, até 6 braças de fundo vasa cinzenta, onde fundamos entre a Ilha de Santa Catarina e a terra firme, tendo a Ilha de Gal a NE 1/4 E da agulha, cerca de 3 léguas, alinhando-se com as duas pontas, uma mais ao norte de Santa Catarina e a ponta da terra firme a N 1/4 NE.

Descrição da Ilha de Santa Catarina.

A Ilha de Santa Catarina se estende do norte ao sul desde os 27 graus 22' até os 27 graus 50'. É uma floresta contínua de árvores verdes o ano inteiro, não se encontrando nela outros sítios praticáveis a não ser os desbravados em torno das habitações, isto é, 12 ou 15 sítios dispersos aqui e acolá à beira mar nas pequenas enseadas fronteiras à terra firme; os moradores que os ocupam são portugueses, uma parte de europeus fugitivos e alguns negros; vê-se também índios, alguns servindo voluntariamente aos portugueses, outros que são aprisionados em guerra.

Embora não paguem tributo algum ao Rei de Portugal, são seus súditos e obedecem ao Governador ou Capitão que é nomeado para comandá-los em caso de guerra contra os inimigos da Europa e os índios do Brasil, com os quais andam quase sempre em guerra, de sorte que quando penetram na terra firme, que não é menos abundante de florestas que a ilha, não ousam fazê-lo em grupos menores de 30 ou 40 homens juntos e bem armados. Este Capitão, cujo comando não passa ordinariamente de três anos, depende do Governador da Lagoa, pequena vila distante da ilha de 12 léguas ao SSO. Em seu distrito havia então 147 brancos, alguns índios e negros libertos, dos quais uma parte acha-se dispersa pela orla da terra firme. Suas armas comuns são os facões de caça, flechas e machados; possuem poucas espingardas e raramente pólvora, estão, no entanto, suficientemente defendidos pelas matas onde uma infinidade de espinheiros de toda espécie as torna quase que impenetráveis, de sorte que, tendo sempre a retirada segura e pouco equipamento a transportar, vivem tranquilamente, sem o medo de verem suas riquezas arrebatadas.

Na verdade, encontram-se eles em tão grande carência de tocas as comodidades da vida que, em troca dos viveres que traziam a nós não aceitavam dinheiro, dando mais importância a um pedaço de pano ou fazenda para se cobrir, protegendo-os das perúrias do tempo, satisfazem-se com o vestuário de uma camisa e um par de calças; os mais distintos usam também um paletó de cor e um chapéu: quase ninguém usa meias ou sapatos, sendo obrigados, no entanto, a cobrir as pernas quando entram no mato utilizando-se então, da pele da perna de um tigre como perneira. Não são mais exigentes com a alimentação do que com o vestuário; um pouco de

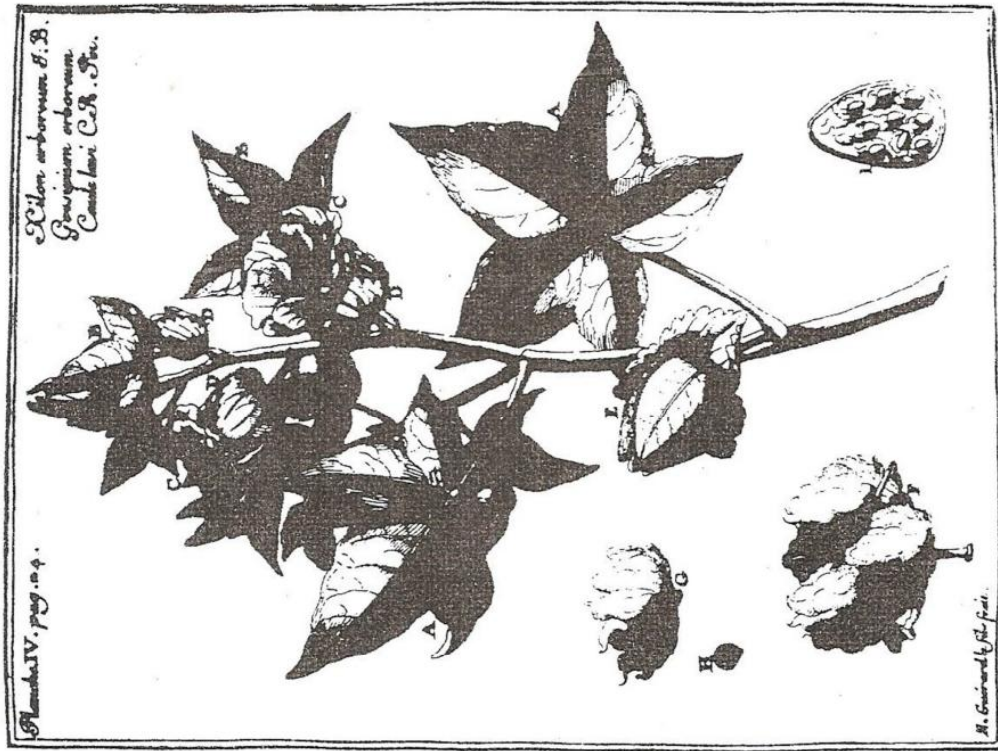


milho, batatas, alguns frutos, peixe e caça, quase sempre o macaco, os satíaz. Esta gente, à primeira vista, parece miserável, mas eles são efetivamente mais felizes que os europeus, ignorando as curiosidades e as comodidades superfúas que na Europa se adquirem com tanto trabalho; passam eles sem pensar nelas, vivem numa tranquillidade que os subsídios e a desigualdade de condição não perturbam; a terra lhes fornece os elementos necessários à vida, as madeiras e as ervas, o algodão, peles de animais para se cobrirem e se abrigarem; não almejam essa magnificência de habitação mobiliada e bem equipada, que só fazem excitar a ambição e lisonjear durante algum tempo a vaidade, sem tornar o homem mais feliz; o que é ainda mais notável é que eles se apercebem de sua felicidade quando nos veem ir à cata de dinheiro com tanta fadiga. A única coisa que têm a lamentar é a de viverem na ignorância; são cristãos, é verdade, mas como podem ser instruídos em sua religião não havendo senão um vigário na Lagoa que lhes vem rezar a missa somente nas principais festas do ano: pagam, no entanto, o dizimo à Igreja, que é a única coisa que deles exigem.

De resto, gozam de um bom clima e de um ar muito saudável, não têm raramente outra moléstia a não ser o "mal do Bicho", que é uma dor de cabeça acompanhada de tenesmos ou desejo de evacuar sem nada expelir, e por isso usam eles de um remédio muito simples que julgam como um específico: colocam no assento um pequeno limão azedo ou um emplastro de pólvora diluída na água.

Possuem também muitos remédios naturais do país para se curarem de outras moléstias que passam a aparecer. O sassafrás, esta madeira conhecida pelo seu bom aroma e comura pelas suas virtudes contra os males venéreos, ali é tão comum que nós o cortamos para queimar como lenha; o guáaco, empregado também para os mesmos males não é mais raro; encontram-se ali bellissimas capilarias e uma quantidade de plantas aromáticas cujas qualidades e utilidade são conhecidas por seus habitantes para os seus usos. As árvores frutíferas são excelentes em suas espécies, as laranjas são tão boas como as da China, existem muitas limeiras, limoeiros, goibeiras, palmitos, bananeiras, cana-de-açúcar, melancia, melões, jerimums e batatas melhores que as de Málaga, tão estimadas.

Foi lá que vi, pela primeira vez, o arbusto que dá o algodão, e como ansiasse desde muito por conhecê-lo, desenhei um ramo para me servir de lembrança.



Anexo 2 - Questões de Compreensão Leitora do Relato de Viagem – “Descrição da Ilha de Santa Catarina” (Frézier)

- 1) Comente as condições de produção do relato lido considerando: quem é o autor, o que ele faz, sobre o que ele escreve e para quem o relato é escrito.
- 2) O que indica que este texto é um relato de viagem? Cite pelo menos dois trechos para argumentar sua resposta.
- 3) Em relação à linguagem do relato, o que mais lhe chamou a atenção? Cite alguns exemplos.
- 4) A partir do texto, aponte alguns indícios que comprovam que este relato retrata uma época anterior a nossa.
- 5) Qual o fato narrado pelo autor que mais lhe chamou a atenção? Por quê?
- 6) Em relação aos aspectos naturais da Ilha de Santa Catarina, o que o autor destaca no texto e que não encontramos mais hoje?
- 7) Em relação às pessoas descritas por Frézier, o que as diferencia de nós, moradores da Ilha de Santa Catarina hoje?

Anexo 3 - Texto retirado do livro “Santa Catarina a ilha”

Encantos da Ilha cativam visitantes há séculos.

A par das histórias de exploração de índios e vinganças de piratas, disputas de terra entre portugueses e espanhóis, construção de fortes e fortalezas, a Ilha continuou sempre a exalar uma inesgotável aura de misticismo e sedução. Este clima mágico encantou mentes e corações de muitos visitantes que por aqui passaram - passam ainda, e passarão - com diferentes objetivos e fantasias.

Os relatos históricos nos permitem observar a evolução de uma ilha nem tão ilhada, mas em intercâmbio gradativo, contínuo e freqüentemente salutar com estrangeiros, membros de expedições, estudiosos, comerciantes, empreendedores, religiosos.

Desde Francisco Dias Velho, o fundador de Nossa Senhora do Desterro, a Ilha arrancou depoimentos como “A terra é boa, quem disser o contrário mente”. O famoso naturalista Saint-Hilaire aclamou: “No Brasil, nada é mais belo do que aqui”. E David Porter, oficial norte-americano que visitou o lugar em 1813, apaixonou-se, declarando: “As mulheres são bonitas e graciosas, e os homens são extremamente ciumentos. Creio que para isso tenham suficientes motivos”.

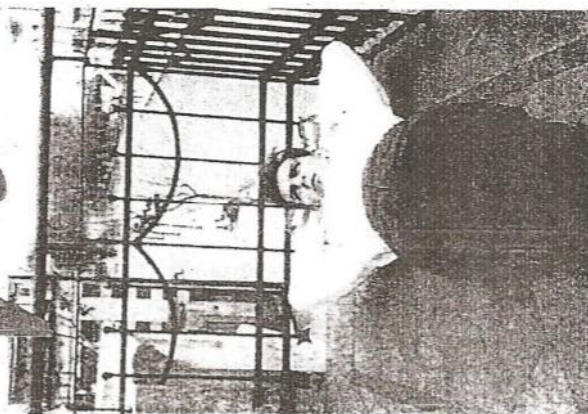
Já G. H. Von Langsdorf, assim descreveu sua aproximação da Ilha: “O local é agraciado pela natureza em todos os sentidos. É uma terra onde tudo viceja com inexcédível beleza e garbo inimagináveis”. E Carl Friedrich Seidler, um suíço-alemão que aqui aportou em 1826, se encantou: “Os naturais da Ilha chamam-na com razão de o Jardim do Brasil”. O navegador russo Urey Lisiansky ficou ainda mais impressionado e registrou: “Estas fascinantes costas podem ser reconhecidas como a natureza própria do paraíso. As mais belas borboletas do mundo são aqui encontradas. Os habitantes são corteses e hospitaleiros”.

A economia de Desterro era até então essencialmente de subsistência, com períodos de aquecimento modesto em função das atividades portuárias e do comércio de cabotagem. No século XIX, já elevada à condição de cidade, tornou-se Capital da Província de Santa Catarina, em 1823, e inaugurou um período de prosperidade, com o investimento de recursos federais. Projetou-se a melhoria de seu porto e a construção de edifícios públicos, entre outras obras urbanas. A modernização política e a organização de atividades culturais e literárias também se destacaram, marcando inclusive os preparativos para a recepção ao Imperador D. Pedro II, em 1845.

Anexo 4 - Fragmentos do livro Primeiras Viagens

ERNESTO CHE GUEVARA

Primeiras Viagens



Esta seleção
para o Programa
Nacional

SALAS DE
LEITURA /
BIBLIOTECAS
ESCOLARES



FAE
Distribuição Gratuita

TT
SCZTTA

As dificuldades aumentam

A saída de Temuco se cumprira com toda a normalidade até chegar à estrada das cercanias, onde notamos que a câmara traseira estava furada e tivemos de parar para consertar. Trabalhamos com bastante afínco, mas assim que pusemos o remendo notamos que perdia ar: também estava furado. Aparentemente, teríamos de passar a noite ao relento já que não se podia sequer sonhar com reparos na hora em que estávamos; no entanto, já não éramos qualquer coisa, mas sim *os especialistas*: logo encontramos um ferroviário que nos levou à sua casa, onde nos trataram regiamente.

Cedo levamos as câmaras e o pneu à borracharia para que arrancassem uns ferros que estavam incrustados e remendassem, e de novo, perto do pôr-do-sol, partimos: mas antes nos ofereceram uma

típica refeição chilena composta de dobradinha, ou outro prato similar, tudo muito condimentado e um riquíssimo vinho pipeño, isto é, grosseiro, sem filtrar. Como sempre, a hospitalidade chilena nos largava entre San Juan e Mendoza⁸.

É claro que não andamos muito, e com menos de oitenta quilômetros paramos para dormir na casa de um guarda florestal que esperava uma propina: como ela não veio, não nos deu o desejo no dia seguinte, de modo que iniciamos a caminhada mal-humorados e com a intenção de parar para fazer um foguinho e tomar uns mates, quando tivéssemos feito alguns quilômetros. Depois de andar um trecho, quando eu vigiava o acostamento para indicar o lugar de parar, e sem que nada nos prevenisse, a moto deu um salto para o lado e nos jogou no chão. Alberto e eu, ilesos, examinamos a máquina e achamos quebrado um dos suportes da direção; mas o mais grave do caso foi que também se fez em pedaços a caixa de marchas; era impossível continuar e só nos restava esperar pacientemente algum caminhão caridoso que nos levasse até um centro habitado.

Passou um automóvel no sentido contrário e seus ocupantes desceram para averiguar o que nos acontecia e oferecer seus serviços. Disseram-nos que qualquer coisa que necessitássemos dois cientistas como nós, eles a fariam com muito gosto.

— Sabe, reconheci o senhor pela foto do jornal — disse-me um.

Mas não havia nada o que pedir, somente um caminhão que fosse para o outro lado. Agradecemos e ficamos a tomar os mates regulamentares, mas pouco depois o dono de uma chácara próxima nos convidou a ir para sua casa e na cozinha nos cevaram dois litros. Ali conhecemos o charango, um instrumento musical feito com três ou quatro arames de uns dois metros de comprimento, esticados sobre duas latas vazias e tudo pregado numa tábua. O músico pega uma manopla de metal e com ela raspa os arames que dão um som parecido com o dos violões para crianças. Perto das doze passou uma caminhonete, cujo motorista, a força de apelos, consentiu em nos levar até a próxima cidade, Lautaro.

Ali conseguimos um lugar na melhor oficina da região e também quem se animasse a fazer o trabalho de solda em alumínio: o pequeno Luna, um rechonchudinho muito simpático que nos convidou a almoçar em sua casa, em uma ou duas ocasiões. Nosso tempo se dividia entre trabalhar na moto e filar algo de comer na casa de algum dos muitos curiosos que iam nos ver na garagem. Precisamente ao lado havia uma família de alemães ou descendentes, que nos fornicavam muito; dormimos no quartel.

A moto já estava mais ou menos ajeitada e nos dispúnhamos a sair no dia seguinte, de modo que resolvemos nos divertir um pouco em companhia de uns amigos ocasionais que nos convidaram a tomar uns tragos. O vinho chileno é saborosíssimo e eu bebia com uma velocidade extraordinária, de modo que, ao ir ao baile da cidade, sentia-me capaz das maiores façanhas.

A reunião se desenrolou dentro de um ambiente de agradável intimidade e continuaram a nos encher a barriga e o cérebro com vinho. Um dos mecânicos da oficina, que era particularmente

8. Entre San Juan e Mendoza: expressão argentina que significa meio bêbado. San Juan e Mendoza, cidades argentinas, são as maiores produtoras de vinho do país.

amável, me pediu que dançasse com a mulher porque a *mistura* não estava fazendo muito bem a ele, e a mulher estava quentinha e palpitante e tinha vinho chileno. Tomei-a pela mão para levá-la para fora; seguiu-me mansamente, mas percebeu que o marido a observava e me disse que ficava; eu já não estava em situação de entender razões e iniciamos no meio do salão um empurra-empurra que teve como resultado levá-la até uma das portas, quando já toda a gente olhava para nós. Nesse momento, tentou dar-me um pontapé e como eu continuava arrastando-a, fiz com que perdesse o equilíbrio e ela caiu ao chão estrepitosamente. Enquanto corríamos na direção da cidade, perseguidos por um enxame de bailarinos enfurecidos, Alberto lamentava todos os vinhos que teria feito o marido pagar.

A Poderosa II termina sua viagem

Cedo nos pusemos sobre a moto até deixá-la *no ponto* e fugimos de lugares que já não eram tão hospitaleiros para nós, depois de aceitarmos o último convite para almoçar que a família que morava ao lado da oficina nos fizera.

Alberto, por superstição, não quis dirigir; de modo que saí eu adiante e assim percorremos uns poucos quilómetros para nos determos finalmente para consertar a caixa de marchas que falhava. Pouco mais adiante, ao irar numa curva um pouco fechada, indo a bastante velocidade, voou a borboleta do freio traseiro; agarrei-me ao freio de mão, e este, soldado *na cavala*, quebrou-se também; por alguns instantes não vi nada além de formações semelhantes a bovinos que passavam velozmente por todos os lados, enquanto a pobre Poderosa aumentava sua velocidade impulsionada pelo declive acen-

tuado. A pata da última vaca foi tudo o que tocamos — por verdadeiro milagre — e de repente apareceu ao longe um rio que parecia atrair-nos com uma eficácia aterradora. Larguei a moto contra o acostamento da estrada e ela subiu os dois metros de desnível num piscar de olhos, ficando encaixada entre duas pedras, e nós ilesos.

Sempre amparados pela carta de apresentação da *impresa*, fomos alojados por uns alemães que nos trataram de forma cordialíssima. À noite me veio uma cólica que não sabia como parar; tinha vergonha de deixar uma lembrança no penico, de modo que subi à janela e entreguei ao espaço e à escuridão toda a minha dor... Na manhã seguinte debrucei-me para ver o efeito e descobri que dois metros abaixo havia uma grande prancha de zinco onde se secavam os pêssegos ao sol; o espetáculo adicionado era impressionante. Voamos dali.

Embora o acidente, num primeiro momento, parecesse não ter importância, ficava demonstrado agora nosso erro de apreciação. A moto fazia uma série de coisas estranhas cada vez que tinha de enfrentar um active. Por fim, iniciamos a subida de Malleco, onde há uma ponte de ferrovia que os chilenos consideram a mais alta da América; ali a moto pediu arrego e perdemos todo o dia esperando uma alma caridosa, sob a forma de caminhão, que nos levasse até o cume. Dormimos na cidade de Cullipulli (depois de alcançado nosso objetivo) e partimos cedo esperando a catástrofe que já se avizinhava.

Na primeira subida brava — das muitas que abundam por aquela estrada —, a Poderosa ficou definitivamente ancorada. Dali nos levaram de caminhão a Los Angeles, onde a deixamos no quartel dos bombeiros e dormimos na casa de um oficial do exército chileno

tabeleceu contato permanente entre o San Antonio e a terra. Naquele momento, bem instruídos pelo manobrista, entramos tranquilamente no navio e nos metemos com todas as bagagens na parte reservada aos oficiais, trancando-nos num banheiro. Daí para a frente, nossa tarefa se limitou a dizer com voz fanhosa: "tem gente" ou "está ocupado", na meia dúzia de vezes que alguém se aproximou.

Já era meio-dia e o barco mal tinha saído, mas nossa alegria tinha diminuído bastante, pois a latrina, tapada, ao que parecia, há muito tempo, exalava um cheiro insuportável e o calor era muito grande. Perto de uma hora, Alberto tinha vomitado tudo o que tinha no estômago, e às cinco da tarde, mortos de fome e sem costa à vista, apresentamo-nos ante o capitão para expor nossa situação de clandestinos. Ele se surpreendeu bastante ao nos ver de novo e naquelas circunstâncias, mas para disfarçar na frente dos demais oficiais, piscou-nos um olho sorratamente e disse com voz de trovão:

— Os senhores acham que para ser viajantes tudo o que têm de fazer é enfiar-se no primeiro barco que encontram? Não pensaram nas consequências que isso lhes vai trazer?

A verdade é que não tínhamos pensado em nada.

Chamou o contramestre e o encarregou de nos dar trabalho e alguma comida. Muito contentes, devoramos nossa ração; quando me inteirei de que estava encarregado de limpar a famosa latrina, a comida ficou-me entalada na garganta, e quando descia protestando entre dentes, perseguido pelo olhar zombeteiro de Alberto, encaregado de descascar batatas, confesso que me senti tentado a esquecer tudo o que se houvesse escrito sobre regras de companheirismo e pedir troca de trefa. É que não está direito! Ele junta sua boa porção à porcaria acumulada ali e eu a limpo.

que parecia estar muito grato da acolhida que lhe haviam dado em nossa terra e não parava de nos oferecer coisas. Foi nosso último dia de *filantes motorizados*, e o seguinte se anunciava como mais difícil: *ser filante não motorizados*.

Clandestinos

Passamos pela alfândega sem nenhuma dificuldade e nos dirigimos valentemente a nosso destino. O barquinho eleito, o San Antonio, era o centro da febril atividade do porto. No entanto, devido a seu reduzido tamanho, não precisava atracar diretamente para que o alcançassem os guindastes, de modo que havia um espaço de vários metros entre o cais e ele. Não havia outro remédio senão esperar que o barco se aproximasse mais para então subirmos, e filosoficamente esperávamos, sentados sobre as bagagens, o momento propício. Às doze da noite houve troca de turno de operários e nesse momento aproximaram o barco, mas o capitão do cais, um sujeito com cara de poucos amigos, planejou-se junto à passarela a vigiar a entrada e saída do pessoal. O manobrista do guindaste, de quem nos havíamos tornado amigos naquele interim, nos aconselhou a que esperássemos outro momento por que aquele tipo era meio cachorro, e ali iniciamos uma longa espera que durou toda a noite, aquecendo-nos no guindaste, um antigo aparelho que funcionava a vapor. O sol saiu e nós ainda esperando com a bagagem no cais. Nossas esperanças de subir já se haviam dissipado quase por completo quando chegou o capitão e com ele a passarela nova que tinha estado em reparos, de modo que se es-

Depois de cumprir conscientemente nossas tarefas, chamou-nos novamente o capitão, desta vez para nos recomendar que não disséssemos nada sobre a entrevista anterior, que ele se encarregaria de que nada acontecesse ao chegarmos a Antofagasta, que era o destino do barco. Deu-nos para dormir o camarote de um oficial em licença de serviço e naquela noite nos convidou a jogar canastra e tomar uns goles. Depois de um sono reparador, levantamo-nos com a sensação de que é exato aquele refrão que diz "vassoura nova varre melhor", e trabalhamos com grande afino, dispostos a pagar com juros o valor da passagem. Entretanto, ao meio-dia nos pareceu que nos estavam apressando demais e à tarde já estávamos definitivamente convencidos de que somos um par de vagabundos da mais pura cepa conceitual. Pensávamos dormir bem e trabalhar um pouco no dia seguinte, além de levar toda a nossa roupa suja, mas o capitão nos convidou novamente a jogar baralho e se acabaram nossos bons projetos.

O contramestre, bastante antipático, investiu aproximadamente uma hora para conseguir que nos levantássemos para trabalhar. Encarregou-me de limpar os pisos com querosene, tarefa na qual levei todo o dia sem terminá-la; o acomodado do Alberto, sempre na cozinha, comia mais e melhor, sem se preocupar demais em discriminar o que lhe caía no estômago.

À noite, depois de extenuantes partidas de canastra, contemplávamos o mar imenso cheio de reflexos verde-brancos, os dois juntos, apoiados na borda, mas cada um muito distante, voando em seu próprio avião rumo às estratosféricas regiões do devaneio. Ali compreendemos que nossa vocação, nossa verdadeira vocação, era andar eternamente pelas estradas e mares do mundo. Sempre curiosos; observando tudo o que surge diante de nossa visão. Cheirando todos os

recantos, mas sempre tênues, sem cravar nossas raízes em terra alguma, sem ficar a averiguar o substrato de nada; a periferia nos basta. Enquanto todos os temas sentimentais que o mar inspira passam por nossa conversa, as luzes de Antofagasta começaram a brilhar na distância, rumo nordeste. Era o fim de nossa aventura como clandestinos ou, pelo menos, o fim daquela aventura, já que o barco voltava a Valparaíso.

Anexo 5 - Resumo sobre o gênero relatos de viagem

O gênero Relatos de Viagem¹³

O gênero relatos de viagem é um gênero que circula em diferentes suportes, como revistas, livros, jornais e blogs. As finalidades dos relatos de viagem podem ser diversas: intenção de memorizar e documentar as experiências vivenciadas; relatar fatos e sentimentos ocorridos durante a viagem; trocar experiências com outros viajantes, etc. Tudo isso depende do propósito comunicativo do autor, no caso, o viajante.

- Estrutura básica dos relatos de viagem: um relato de viagem não tem uma estrutura tão bem definida, como a notícia, o artigo, a resenha, ou seja, o autor tem liberdade quanto ao estilo de escrita, deixando transparecer sua criatividade e autonomia. No entanto, alguns elementos básicos estão presentes em todos os relatos de viagem, como:

- a) Datar o dia em que ocorreu a viagem e o lugar de destino;

- b) Relatar/narrar/descrever fatos e emoções vividas durante a viagem;

- c) Por ser um gênero que remete a uma experiência pessoal, usa-se o pronome na 1ª pessoa (singular ou plural) e, geralmente, o tempo verbal aparece no pretérito perfeito, já que os relatos podem ser escritos posteriormente à viagem;

- d) Atualmente, por conta do avanço tecnológico, os relatos escritos geralmente são acompanhados de fotos e vídeos, o que leva o leitor a visualizar e experienciar o relato de diferentes maneiras.

- Importância do Gênero: as viagens ultramarinas repercutiram grandemente na Europa do século XV e XVI – a descoberta de novas terras enriqueceu pessoas e nações que financiavam essas viagens e, além disso, chegava até o continente europeu uma série de novas informações acerca da cultura e dos costumes dos habitantes do Novo Mundo. Tais informações eram registradas por meio dos relatos de viagem que os viajantes produziam ao longo de seus trajetos. Logo, os relatos de viagem têm importância histórica e cultural, seja pelos relatos antigos e/ou atuais.

- Os relatos de viagem e a Literatura: os relatos de viagem são importantes não apenas enquanto documentos informativos e/ou históricos, mas também enquanto textos literários – por ser um registro de cunho pessoal, produzir relatos de viagem significa narrar fatos,

¹³ Fontes utilizadas pelas estagiárias: Fontes: CEREJA, W.R.; MAGALHÃES, T.C. **Português Linguagens: volume 1**. 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

BRITO, Danilo L. **Análise de um relato de viagem à Luz das Teorias de Mikhail Bakhtin e Norman Fairclough**. Artigo disponível em: http://www.letras.ufrj.br/liehd/media/docs/art_danilo2.pdf. Acesso em 30 de Abril de 2014.

encontros, aventuras, angústias, alegrias, enfim; é um espaço no qual a subjetividade pode encontrar a arte e o autor viajante pode se tornar um poeta.

Anexo 6 - Relatos da Viagem Abya Yala Sin Fronteras

RELATOS DE VIAGEM – ABYA YALA SIN FRONTERAS

LEDESMA/Jujuy – Argentina



30 de abril de 2013

Leo e eu acordamos hoje, em Ledesma, com o tempo bastante acinzentado. Um cenário que não víamos desde que saímos do Brasil. Por um momento, sentimos falta da paisagem desértica, crua, que estávamos vivendo aqui na Argentina. Mas a reflexão acerca “do que nos faz falta” durou pouco, pois precisávamos levantar as coisas, desarmar a barraca e seguir viagem. Não havia espaço para *os quereres*.

E seguimos com aquela velha história: guardar as coisas que estão dentro da barraca; enrolar os isolantes e os sacos de dormir; colocar a barraca para secar a fim de que ela não mofe; ajeitar tudo em cima da bicicleta; tomar um café e seguir viagem. Quando terminamos de deixar as coisas em ordem, o parque da prefeitura de Ledesma começou a ficar movimentado. Homens, mulheres e crianças ocupavam o parque e pareciam celebrar algo. Antes pensávamos que era comemoração de aniversário, no entanto, as pessoas não paravam de chegar. Era gente para tudo quanto é lado. A música já fazia parte do cenário e as vozes extasiadas das pessoas também. Em pouco tempo todas as mesas distribuídas por todo o

parque estavam ocupadas. Foi aí que percebemos que as comemorações não se efetivavam por ser um aniversário, a festa animada daquele povo era por conta do dia do trabalhador.

Estávamos prontos para seguir viagem e a fome - mesmo depois de um *rico desayuno*⁶ - começava a ressurgir. Na busca de não sermos inconvenientes, já que a hora do almoço se aproximava, perguntamos se poderíamos participar da festa de uns senhores que estavam sentados em uma mesa, próximos à saída do parque. Os senhores foram muito carismáticos e nos disseram que não precisávamos comprar nada, bastaria sentarmo-nos com eles. Insistimos em compartilhar alguma coisa e, então, sugeriram-nos comprar uma *gasosa*.

Pensávamos que iríamos almoçar e seguir viagem, todavia o tempo começou a ficar cada vez mais cinza e a chuva resolveu surgir em nossas vidas de cicloviantes. Não havia outra saída senão ficar mais uma noite em Ledesma. No entanto, não queríamos ficar novamente no acampamento porque lá não havia banheiros que pudéssemos usar e não era de nossa vontade ficar mais um dia sem banho.

Um senhor que participava da festa do trabalhador ofereceu-nos sua casa para pernoitarmos. Assim que conseguimos esse lugar para ficar, largamos mão de nos preocupar com o possível trajeto do dia e nos entregamos à festa junto aos senhores.

A tarde foi bastante prazerosa, estávamos satisfeitos com tanta comida e, felizes, bebíamos o tradicional vinho de caixinha. Não era nenhuma festa política, relembrando a verdadeira razão do 1º de maio. Aliás, talvez poucas pessoas que lá estavam soubessem da razão do feriado e recordassem dos trabalhadores de Chicago, porque aquele momento parecia estar isento de qualquer tipo de reflexão. Ser trabalhador nos canaviais de Ledesma, como era o caso de alguns trabalhadores presentes na festa, ainda parecia doloroso demais e o que restava, naquela tarde, era sorrir e festejar o tempo livre.

Pensávamos que tardaria até a Bolívia para experimentarmos a folha de coca, mas aqui mesmo na província de Jujuy, as pessoas carregam essa tradição. E, assim sendo, tivemos o prazer de experimentá-la!

Não há nada de muito distinto do que pensávamos, as pessoas catam as folhas mais verdes, tiram uns pequenos galinhos que pode haver nelas e, num chumaço, colocam boca adentro, repousando em um dos cantos da boca. Para ficar melhor, utilizam um pouco de bicarbonato. As folhas ficam aí por minutos e mais minutos até cansarmos delas. Não há necessidade de mascá-las, somente repousá-las na boca. Não senti nada de muito diferente, apenas um pequeno adormecimento na língua que passou em segundos.

Mais tarde começou o truco entre os senhores. Fomos embora depois que as partidas pareciam estar terminando. Aqui na casa do senhor que não sabemos o nome, tomamos um banho quentinho e, com a chuva lá fora, restou a nós, tomarmos um cafezinho e assistirmos televisão, confortavelmente, em um sofá macio.

⁶ Um delicioso café da manhã

Este “senhor” que nos ofereceu sua casa com todas as mordomias, vive sozinho. Sua esposa veio a falecer há quatro meses e ele ainda parecia sentir muito a dor da perda. Com toda atenção e confiança, o “senhor” ainda compartilhou seu quarto conosco. Nós em uma cama de casal e ele, ao lado, em uma cama de solteiro. Dormimos assim mesmo: todos num mesmo quadrado, como se fôssemos de uma mesma família. No entanto, sem ele saber nossos nomes e nós sem sabermos o nome dele. Isso é o que podemos chamar de uma grande manifestação de gentileza!

Amanhã vamos seguir caminho *hasta* Salta. Temos pela frente 160 km. Nosso destino, a partir de agora, é este! Esperamos ansiosamente chegar lá para descansar de todo o sufoco que passamos com o roubo da nossa câmera fotográfica e aproveitar para comer e descansar em uma cidade que promete ter inúmeras coisas a nos oferecer.

SALTA/ Argentina.

02 de maio de 2013

Nossa ideia para o dia de hoje não era chegar a Salta, era fazermos apenas a metade do percurso. Certamente faríamos isso se não tivéssemos saído tão cedo. Partimos do local de trabalho de seu Sôria às 07h30 e o sol despertava com o avanço de nosso pedal.

O dia estava bastante agradável para seguirmos viagem, pelo menos até às 12h.

Após um descanso pós-almoço, continuamos rumo a Salta. Pensávamos que não seria muito difícil, visto que faltavam apenas 50 km para fazermos durante a tarde. Ledo engano, o caminho não era mais plano e, na medida em que as horas passavam, as estradas se inclinavam cada vez mais. Pensamos em pedir uma carona, mas o prazer do dia seria chegar em Salta com nossas próprias pernas. Por isso não foi demais nos entupirmos de vergamotas e bananas. Estávamos fracos e parecia que a fome e a sede surgiam a cada dez minutos.

Depois de 96 km rodados, às 17h, chegamos à cidade. Ao fundo, o cenário se desenhava com as cordilheiras e a entrada da cidade era um grande condomínio com casas enormes. Não *me gusta!*

Fomos parar num *hostel*, onde permanecemos quase uma semana. Primeira vez que ficamos hospedados desta forma, antes eram somente casas de pessoas e acampamentos. Tudo isso para descansarmos bem, atualizarmos o *blog* e arrumarmos nossas coisas para subirmos a cordilheira. Permitimo-nos aproveitar um pouco da boa comida e dormir bastante!

Embora a cidade seja extremamente turística e cara, confesso que gostei de Salta ou *la hermosa*, como a denominam aqui. É que, particularmente, com exceção de que não conhecemos quase ninguém, as cidades me animam. Elas não dormem e encontramos tudo o que precisamos, diferentemente do que estávamos vivendo até então, em meio à região desértica da província de Formosa.

Foi bastante difícil não termos como registrar o que nos ocorria nesta localidade. Foi um lugar fantástico, onde encontramos artistas, participamos de um lindo festival de músicas regionais,

presenciamos uma charmosa aula de tango em pleno centro *salteño*, além de outras manifestações culturais que poderiam ter sido registradas. Foi incrível! Enfim, restou-nos apenas a película dos olhos, a escrita e a caixa de memória para recordarmo-nos o que vivemos nesta grande cidade.

Agora é hora de seguirmos viagem, deixando de lado a planície e ir ao encontro do céu, nas cordilheiras.

ENGENHEIRO MAURY/ Argentina.

09 de maio de 2013

A paisagem já era outra. O que víamos apenas em fotos e vídeos começou a se fazer presente em nosso dia-a-dia e a pedalada tomou um gosto distinto do que havíamos até então presenciado. O êxtase ressurgiu em meus sentidos e já nem sabia que grão era no mundo. Olhei as grandes montanhas como se tudo fosse irreal demais para existir e, ao fundo, observei meia dúzia de pássaros sobrevoando as grandes altitudes. Por um momento, senti que havia uma troca de sentidos: eu ansiava ser um daqueles pássaros para poder sentir que o mundo era pequeno demais para tantas asas. E eles, em sua euforia, pareciam carregar a vontade de ser um de nós a fim de olhar o mundo como se fosse gigante demais para apenas um par de pernas. Os sentidos se invertem quando o olhar muda ou quando a busca é distinta.

Seguimos até Engenheiro Maury e algo me trazia a sensação de que estávamos longe demais. Ficamos alojados em uma casa abandonada que estava localizada quase em frente a uma delegacia. Não precisamos montar a barraca, serviu-nos apenas a lona no chão seco e os isolantes e nosso saco de dormir. A casa era enfeitada de moribundos, mas nenhum deles se intrometeu em nosso espaço. Fazia muito frio, mas ficamos surpresos de ainda conseguirmos encarar um banho gelado num banheiro próximo à delegacia.



EL PORVENIR/ Argentina

17 de maio de 2013

Havia um tempo em que estávamos refletindo por qual lugar seguir para chegar até o Chile. Não sabíamos se seguiríamos pelo Paso Sico ou Paso Jama. Inicialmente iríamos por Jama e depois resolvemos ir por Sico. Mas, neste dia pela manhã, resolvemos traçar lugares distintos

dos nossos colegas do pedal⁷, e pegamos a estrada rumo ao Passo Jama. Não sei se fizemos a escolha certa, mas por Jama há um belo trecho de asfalto, coisa que não há pelo Paso Sico.

Essa manhã foi bastante distinta das demais manhãs que havíamos presenciado na região. Acordamos cedo, o céu era coberto de nuvens e na cordilheira parecia estar nevando. Não demorou muito e depois das despedidas antes de Leo e eu seguirmos por outro caminho, a neve nos alcançou e tomou conta de nossas negras roupas, deixando-as com muitos pontos brancos.

Confesso que não senti nada diferente, nem surpresa, nem êxtase, nem nada. Pensava que iria me surpreender e gritar: *ó, estou vendo neve!* Mas não, segui no pedal na busca de chegarmos a Porvenir, a 40 km de Cauchari, antes do tempo ruim apertar.

A estrada era plana, em meio ao *salar*⁸. Ainda bem que não havia vento! Depois da província de Formosa, pela segunda vez escutamos o barulho do silêncio.

A pedalada rendeu e chegamos à Porvenir por volta das 14h30. Fomos recebidos por seu Acosta que já deu jeito de nos acomodar em um quatinho com beliche. Porvenir fica em meio ao *salar* onde vivem apenas alguns trabalhadores mineiros. A mina fica a céu aberto e há somente uma estrutura elaborada em *container*. A estrutura é construída em forma de “U” para conter um pouco do vento e lá trabalham em torno de quinze homens: alguns operam as máquinas, outros são técnicos em mineração, há o cozinheiro e os que colocam a mão na massa, tirando os minerais a cada pazada, em meio ao frio insuportável da localidade.

Chegamos e seu Acosta nos ofereceu café, comida, tudo o que se possa imaginar. Tomamos banho e ficamos bem acomodados. Tão boa foi a recepção que estendemos a estadia. Ficamos sexta, sábado e domingo. Claro que não ficamos somente por estarmos bem acomodados, mas porque a neve tomou conta do local, houve chuva e não houve outra escolha senão ficar por aqui.

Foram três dias de muitas risadas, entrosamento, comidas e conhecimento do local. Acredito que foi um dos melhores locais que ficamos até então. Só há homens, mas são muito respeitosos e bastante engraçados. Passamos minutos e mais minutos conversando e nos divertindo com as piadas desses senhores. Aproveitamos também para tomarmos banho. Fazia quatro dias que não sabíamos o que era água quente e o que era se banhar. Aliás, não sabíamos que em pleno deserto pudéssemos experimentar um banho, ainda mais: um banho quente!

Comemos tanto que me senti outra. Aqui sempre que se faz janta ou almoço, há o acompanhamento de sopa. Ou seja: nunca é um prato somente. Sempre há uma sopinha a mais. Não estávamos mais habituados com tanta comida...

⁷ Quando estávamos subindo a cordilheira, encontramos dois casais de ciclistas: um do Brasil e outro do sul da Argentina, e estávamos seguindo viagem coletivamente.

⁸ Deserto de Sal.

Os dias foram de engorda e descanso em relação aos dias em que havíamos vivido. Estávamos desgastados por conta do frio e das condições que estávamos enfrentando. Por isso, nada melhor que uma boa cama, um banho, conversas agradáveis e tempo para atualizar as experiências diárias.

Aqui aproveitamos também para registrar em vídeo a forma de vida desses senhores. Acreditamos que toda a forma de sobrevivência é uma forma de cultura popular. Por isso o registro!



Foto 2: Estrada rumo a Porvenir/Arg.



Foto 3: Mineiros de Porvenir.



Foto 4: Mineração de Porvenir.

PORTO DO ALEGRE, Margens do rio Cuiabá/ Mato Grosso - Brasil

09 de outubro de 2013

Como o habitual, reorganizamos nossas coisas na bicicleta e, depois disso, fomos tomar o café da manhã. Um café não muito reforçado, pois em seguida iríamos pegar o barco até o Porto do Alegre. Antes disso, enquanto eu ajeitava algumas coisas e desmontava o mosquiteiro, Leo gravou um vídeo com Luci e Wandir, sobre como é a vida no Pantanal. Sem demorar muito, Wandir nos levou de barco até o Porto, onde o encostamos em um barranco, a fim de conseguirmos tirar as bicicletas e sairmos do barco. A despedida de Luci e Wandir foi um pouco sem emoção. Queria abraçá-los, dizer que eles foram pessoas incríveis, que mudaram nosso olhar sobre o Pantanal, mas, o jeito fechado do casal, parecia criar uma barreira entre a emoção e a razão. Agradecemos superficialmente, mas nunca iremos esquecer-nos dessas pessoas tão acolhedoras e simples que o rio Cuiabá nos trouxe.

Deixamos nossas bicicletas dentro de um galpão que um senhor sério (fazendeiro, sisudo, mas organizado) nos ofereceu. Pensávamos que a lancha viria cedo, antes do almoço. Ledo engano. Ficamos na sombra de uma goiabeira, esperando, mas nada. Nenhum barulho. Nenhum sinal de que ela apareceria. Enquanto isso, apareceram mais e mais pessoas. Foram chegando em bando e se acomodando em algum canto, embaixo de algum lugar mais fresco. Conhecemos seu Tadeu, senhor engraçado, mal-humorado, mas de bom coração. Ele andava devagar, empinando sua barriga gorda de cerveja e sorria de lado, com o bigode branco que tapava metade de sua boca. Chegou o fim de tarde e não havíamos comido nem um farelo de pão. Disseram-nos que a lancha só chegaria no outro dia. Tivemos, então, de tomar um banho.

O calor era forte, o banheiro era precário, sujo, sem água, cheiro forte, então o que nos restava era nos banhar no rio Cuiabá. Levamos todas as coisas: toalhas, roupas, sabonete e assim foi: com o pôr-do-sol refletido nas águas do rio nos banhamos, fazendo conchas de água com as mãos. O banho certamente foi muito refrescante. Mas não podíamos fazer movimentos bruscos nas águas porque os jacarés poderiam atacar. Quando já estávamos terminando de nos banharmos, vimos um jacaré, pouco a pouco se aproximando. Seus olhos estavam cada vez mais perto... Era hora de nos afastarmos do rio.

Permanecemos com um grupo de pessoas que estava esperando a lancha. Eram crianças, cozinheiras, peões, caseiros... Todos na ânsia de voltar à cidade: uns para nunca mais retornar as fazendas do pantanal; outros para rever pais, mães e filhos. Poucos viajavam para fazer compras. A maioria era pelo sentimento: *saudade*. Durante os diálogos eu não conseguia me aproximar muito das mulheres cozinheiras. Conversava com algumas, mas a conversa nunca se estendia por muito tempo. Elas gostavam mesmo de falar entre elas: discutir receitas, manias dos patrões, explicar como é sua rotina e de que forma preferiam trabalhar. Eu apenas ouvia. O Leo pescava junto aos homens. Enquanto eu não sabia de que lado permanecer, andava de um lado para o outro.

O jantar ficou pronto e foi feito por Tadeu (o homem do bigode branco). A comida era simples: arroz e carne de sol que estavam guardados dentro de um latão que ficava no mesmo galpão onde colocamos as bicicletas. Pelo fato de os alimentos já estarem guardados, deu a

entender que guardar alimentos é uma prática bastante comum no porto, enquanto se espera a lancha chegar.

Dormimos num outro galpão. Todas as pessoas montaram suas redes com mosquiteiros. Algumas pessoas que não haviam levado mosquiteiro enchem-se de repelente pelo corpo todo. Leo e eu montamos o mosquiteiro da barraca. Não tínhamos rede.



Foto 5: Luci e Wandir nos levando até o Porto do
A Larrea



Foto 6: Tadeu, preparando a janta, no Porto do Alegre.

Anexo 7 - Questões para a atividade de compreensão leitora

Atividade de Compreensão Leitora dos Relatos de Viagem – *Abya Yala Sin Fronteras*

Integrantes do Grupo: _____

- 1) Ao escrever um relato de viagem, o autor, geralmente, insere em seu texto marcas linguísticas de *tempo* e *espaço*, a fim de que ele situe o texto e possa relatar ao interlocutor a experiência vivida. Podemos perceber essas características em todos os relatos da viagem *Abya Yala*. Neste sentido, escolha dois, dos cinco relatos, e aponte estas marcas linguísticas de tempo (tempo/forma verbal) e espaço (verbos utilizados que indicam movimento entre espaços diferentes) expostas ao longo dos textos.
- 2) A viagem *Abya Yala*, igualmente a de Frézier, não foi solitária. Com quem a autora viajava e como podemos perceber, no texto, que ela não estava sozinha?
- 3) Ao lermos o relato de Frézier, quando da sua chegada à Ilha de Santa Catarina, percebemos que o texto é bastante antigo por várias questões que vão desde manifestações linguísticas até o modo como Frézier viajava. No relato de viagem *Abya Yala* também percebemos a época em que o texto foi escrito. Como isso é possível?
- 4) Uma das características de um relato de viagem é a descrição cultural do lugar onde se viaja. Durante os relatos *Abya Yala*, a autora citou alguns costumes culturais do lugar em que estava. Escreva sobre estes costumes.
- 5) Existem vários modos de viajar: podemos viajar de avião, de um país a outro, podemos viajar de barco, de carro, de ônibus, etc. Neste sentido, escreva qual meio de locomoção os viajantes *Abya Yala* usaram e, a partir disso, responda: segundo os relatos lidos, a viagem toda foi da mesma maneira? O que difere a viagem *Abya Yala*, das viagens mais convencionais, como as de avião? Como era basicamente a rotina dos viajantes?
- 6) Quando falamos em viagens, pensamos quase que intuitivamente em momentos felizes. A partir dessa consideração, podemos afirmar, segundo os relatos, que a viagem *Abya Yala* foi perfeita do início ao fim? Comente sobre isso.
- 7) Há um momento, em um dos relatos lidos, que a autora escreve sobre como foi difícil não poder registrar o que ocorria na cidade de Salta. A que tipo de registro se refere à autora, já que o recurso aqui exposto como apoio de memória é a escrita?

Anexo 8 - Roteiro de Observação para “Pequena Viagem pelo campus da UFSC”

Roteiro de Observação para nossa “Pequena Viagem pelo campus da UFSC”

Após todo o contato que tivemos com os *relatos de viagem* de outras pessoas, chegou o momento de também nos permitirmos “viajar”. Não será exatamente uma viagem, mas um passeio pelo *campus* da UFSC, tentando observá-lo com um olhar diferente do habitual. Neste sentido, para que este passeio se torne uma “viagem”, convidamos vocês a *flanar*, seguindo as dicas de João do Rio (2008, p.31-32):

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter o espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs⁹ e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso [...] praticar o mais interessante dos esportes, a arte de flanar. [...] Flanar! Aí está o verbo universal sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! [...] Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia e à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino vestido de turco [...] conversar com os cantores de modinha nas alfurjas¹⁰ da Saúde, depois de ter ouvido os *dilettanti* de casaca aplaudirem o maior tenor do Lírico numa ópera velha e má [...] é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego¹¹ [...]. É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado *flâneur* ter sempre na mente mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas.

Flanando, ou seja, observando as coisas mais simples do dia-a-dia, podemos lançar um novo olhar sobre a nossa rotina. Assim, para “viajarmos” pelo *campus* da UFSC, no dia 19 de maio, segunda-feira às 07h30, precisaremos nos atentar para algumas questões:

- a) Levar um caderno para fazer anotações;
- b) Anotar *quando*, *onde* e *como* foi a “Pequena viagem pelo campus da UFSC”;
- c) Quem participou do roteiro;
- d) Atentar às questões explanadas pelo professor Leonardo (GEO) durante o passeio;
- e) Estar atento (e anotar) às impressões deixadas pelos lugares por onde passarmos, descrevendo e narrando o início, o meio e o fim da “viagem”;
- f) Comentar sobre o clima, a vegetação e a arquitetura dos espaços visitados;
- g) Descrever o meio de locomoção utilizado;
- h) Observar as pessoas que encontrarmos pelo caminho;
- i) Registrar imprevistos, surpresas e/ou algum outro fato interessante vivido no passeio.

⁹ Maldosas, mal intencionadas.

¹⁰ Lugar mal frequentado.

¹¹ Escuro e medonho.

Anexo 9 - Quadro comparativo

Quadro Comparativo referente aos relatos de viagem de Frézier e Abya Yala

Elementos a serem considerados	“Descrição da Ilha de Santa Catarina” – Relato de Frézier	Viagem à América do Sul – Relatos Abya Yala
Pessoas presentes na viagem (viajantes)		
Transporte(s) utilizado(s)		
Época em que ocorreu a viagem		
Planejamento da viagem		
Aspectos semelhantes descritos nos dois relatos		
Apoios de memória utilizados pelos viajantes		